

Metrópole

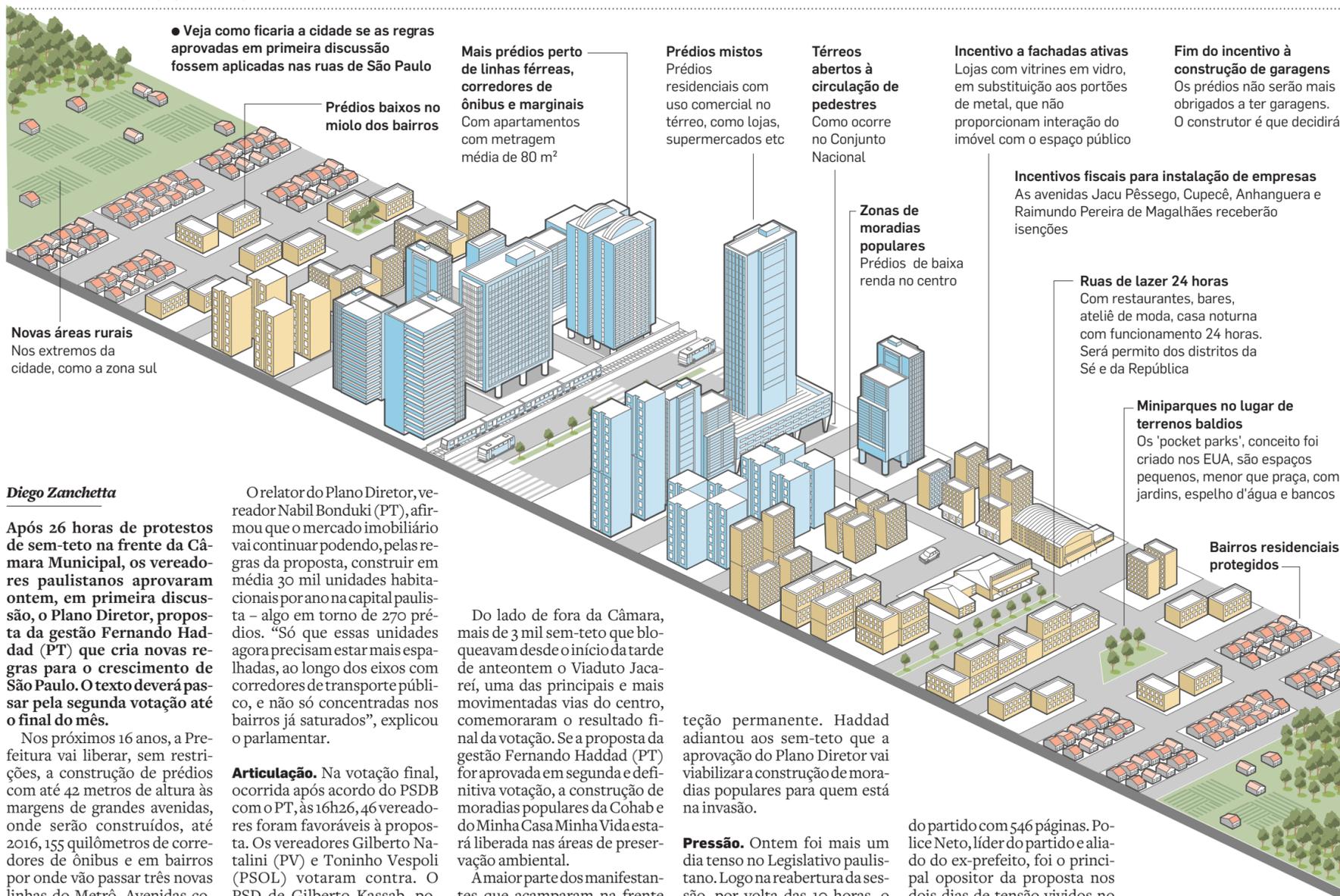


IBGE
Moradores de 2.276
cidades sofreram cheias,
como Naira. Pág. A16

Administração. Foram 46 vereadores favoráveis e 2 contra a proposta que vai liberar prédios com até 42 metros de altura nas grandes avenidas; base aliada de Haddad aceitou inclusão de emendas dos tucanos para a 2ª votação, que deve ocorrer até o fim do mês

Câmara aprova Plano Diretor após pressão de sem-teto e acordo PSDB-PT

PLANEJAMENTO URBANO



Diego Zanchetta

Após 26 horas de protestos de sem-teto na frente da Câmara Municipal, os vereadores paulistanos aprovaram ontem, em primeira discussão, o Plano Diretor, proposta da gestão Fernando Haddad (PT) que cria novas regras para o crescimento de São Paulo. O texto deverá passar pela segunda votação até o final do mês.

Nos próximos 16 anos, a Prefeitura vai liberar, sem restrições, a construção de prédios com até 42 metros de altura às margens de grandes avenidas, onde serão construídos, até 2016, 155 quilômetros de corredores de ônibus e em bairros por onde vão passar três novas linhas do Metrô. Avenidas como Celso Garcia, Chucrri Zaidan, Jacu-Pêssego, Francisco Morato e Inajar de Souza estão entre as que poderão ser adensadas com incentivos do governo.

Por outro lado, no meio de bairros já verticalizados e com pouca oferta de transporte público, como Pompeia, Morumbi e Moema, não serão mais permitidas edificações com mais de oito andares – a exceção, porém, será nos quarteirões desses bairros onde já existem prédios com altura superior a 25 metros.

A lógica do governo é tentar espalhar a população, hoje concentrada nos bairros do centro expandido, para regiões periféricas onde o Metrô e novas faixas exclusivas para coletivos devem chegar nos próximos anos.

O relator do Plano Diretor, vereador Nabil Bonduki (PT), afirmou que o mercado imobiliário vai continuar podendo, pelas regras da proposta, construir em média 30 mil unidades habitacionais por ano na capital paulista – algo em torno de 270 prédios. “Só que essas unidades agora precisam estar mais espalhadas, ao longo dos eixos com corredores de transporte público, e não só concentradas nos bairros já saturados”, explicou o parlamentar.

Articulação. Na votação final, ocorrida após acordo do PSDB com o PT, às 16h26, 46 vereadores foram favoráveis à proposta. Os vereadores Gilberto Natalini (PV) e Toninho Vespoli (PSOL) votaram contra. O PSD de Gilberto Kassab, porém, dificultou a aprovação e estendeu as discussões do texto por 12 horas.

A articulação do ex-prefeito foi vista dentro do PT como um sinal de que Kassab, pré-candidato ao governo estadual, vai fazer ataques ao candidato do PT, Alexandre Padilha, durante a campanha deste ano, apesar de seu apoio declarado à reeleição da presidente Dilma Rousseff. Kassab tem dito a aliados que “precisa bater” na gestão petista na Prefeitura para defender bandeiras suas que foram abandonadas, como a Lei Cidade Limpa, que teve regras flexibilizadas por Haddad, a inspeção veicular e o projeto de revitalização da Cracolândia, conhecido como Nova Luz, abandonado pelo PT.

Do lado de fora da Câmara, mais de 3 mil sem-teto que bloqueavam desde o início da tarde de anteontem o Viaduto Jacaré, uma das principais e mais movimentadas vias do centro, comemoraram o resultado final da votação. Se a proposta da gestão Fernando Haddad (PT) for aprovada em segunda e definitiva votação, a construção de moradias populares da Cohab e do Minha Casa Minha Vida estará liberada nas áreas de preservação ambiental.

A maior parte dos manifestantes que acamparam na frente do Legislativo municipal é da ocupação conhecida como Faixa de Gaza, ao lado da Represa Billings, na zona sul, área de pro-

teção permanente. Haddad adiantou aos sem-teto que a aprovação do Plano Diretor vai viabilizar a construção de moradias populares para quem está na invasão.

Pressão. Ontem foi mais um dia tenso no Legislativo paulistano. Logo na reabertura da sessão, por volta das 10 horas, o PSD de Kassab ameaçava obstruir a votação, obrigando a Mesa Diretora a fazer a leitura formal de um projeto substitutivo



Sem-teto. Via na frente da Câmara ficou bloqueada por 26h

do partido com 546 páginas. Políce Neto, líder do partido e aliado do ex-prefeito, foi o principal opositor da proposta nos dois dias de tensão vividos no plenário da Câmara.

Ele também acusou a bancada do PSDB de fazer acordo “espúrio” e “durante a madrugada” com a gestão Haddad, na tentativa de viabilizar a aprovação do texto em primeira discussão. Os tucanos deixaram de obstruir a proposta e, como contrapartida, os petistas se comprometeram a aceitar as emendas da bancada durante a segunda votação do projeto.

“É legal fazer um plano que

parece lindo para a cidade inteira. Mas não adianta enganar as pessoas com um plano que não tem dinheiro para sair do papel”, disparou Políce Neto (PSD), que chegou quase a brigar com seu colega Nabil Bonduki (PT), que acusou o partido de Kassab de boicotar a proposta do Plano Diretor. “O PSD não faz acordos na calada da noite”, emendou o ex-presidente da Câmara. O PSDB diz que vai processar na Justiça o aliado de Kassab pelas acusações.

“O PSDB entendeu que era possível fazer a discussão das emendas entre a primeira e a segunda votação do Plano Diretor. Não houve acordo espúrio coisa nenhuma”, argumentou Mario Covas Neto (PSDB).



NA WEB Portal. Proposta prevê dobrar áreas verdes

estado.com.br/e/planoverde

Haddad nega ter contribuído com confronto

Prefeito disse que não há necessidade de promover atos de violência para obter conquistas e avanço

Rafael Italiani

Um dia depois de ter sido responsabilizado pela oposição de estimular o protesto de sem-teto na frente da Câmara Municipal, que acabou em confronto com a PM, o prefeito Fernando Haddad (PT) disse que “não contribuiu” com o tumulto, que teve banheiros químicos queimados, um restaurante incendiado e as grades que cer-

cam o Legislativo destruídas.

A justificativa dos vereadores da oposição para o caos que se instaurou no centro, após a Câmara adiar para ontem a votação do Plano Diretor, foi a de que Haddad teria contribuído com a violência do confronto, após subir em um caminhão de som do Movimento de Trabalhadores Sem-Teto (MTST), no dia 27 de março.

Na ocasião, um grupo de manifestantes caminhou até a sede da Prefeitura, no Viaduto do Chá, na região central, para reivindicar a criação de moradias populares na área conhecida como Nova Palestina, no Jardim Ângela, na zona sul.

Ao subir no caminhão de som

● **Receptivo**
“É só você transcrever o que eu disse no caminhão para ver que esse tipo de coisa não contribui. Quando os protestos são pacíficos, nós acolhemos.”

Fernando Haddad
PREFEITO

dos manifestantes vinculados ao MTST, Haddad afirmou que, se a Câmara Municipal aprovasse o Plano Diretor, a área, que hoje é irregular, se tornaria uma Zona Especial de Interesse Social (Zeis) e uma parte do terreno de quase 6 mil metros quadrados onde vivem cerca de 8

mil famílias seria destinada à habitação popular. Haddad já tinha negado que subiu no caminhão para pressionar os vereadores sobre o Plano Diretor.

Na manhã de ontem, durante a inauguração de uma Unidade Básica de Saúde (UBS), em Pedreira, na zona sul, Haddad ainda repudiou a violência do protesto na Câmara.

“Não há a menor necessidade de promover atos de violência para obter conquistas e avanços. Nós nos solidarizamos com a Câmara Municipal, entendemos que a Câmara deve ter o seu tempo de maturidade para aprovar um projeto para os próximos 20 anos”, disse o prefeito.

Movimento fecha Marginal e lentidão chega a 31 km

● Um grupo de manifestantes bloqueou a pista sentido Castelo Branco da Marginal do Tietê, por volta das 10h da manhã de ontem, na altura da Ponte Tatuapé. Com 31 quilômetros de filas, o congestionamento chegou até a Rodovia Ayrton Senna.

Segundo a Polícia Militar, cerca de 300 manifestantes reivindicavam o decreto, por parte da Prefeitura, de área de interesse social de um terreno localizado no Parque Novo Mundo, na zona norte. O terreno, de 58 mil metros quadrados e avaliado em R\$ 85 milhões, é particular e deverá ser desapropriado no próximo

dia 19. No total, 2.628 pessoas estão cadastradas na ocupação, segundo o Movimento Independente de Moradia da Vila Maria.

“A gente recebeu indicação de que temos de desocupar o terreno, mas não temos para onde ir. A maioria deixou o aluguel e aplicou tudo o que tinha ali”, disse Maria José Ferreira da Costa, de 62 anos.

O grupo carregava faixas pedindo ajuda ao prefeito Fernando Haddad (PT) e pedia pelo menos um mês para apresentar documentos que comprovem que o local é uma área pública criada com a retificação do curso do Rio Tietê. Depois de interditar a Marginal por cerca de uma hora, os manifestantes seguiram para a Avenida Guilherme Cotching, onde o ato foi encerrado. / BRUNO RIBEIRO e LUCIANO BOTTINI FILHO